

# CORPO, EDUCAÇÃO INTERCULTURAL E CIDADANIA: O OUTRO COMO SUJEITO DAS RELAÇÕES EDUCATIVAS DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

Nadir Esperança Azibeiro

## 1. INTRODUÇÃO

Que o leitor não espere encontrar aqui um quadro acabado. O que ele vai ler, incompleto, recheado de pontos de interrogação, não passa de um esboço<sup>[1]</sup>.

Embora destaque neste início de século, a maior parte das obras sobre o corpo constituem-se sob enfoques disciplinares da medicina, educação física, sexualidade ou moda. Raras vezes há uma associação entre corpo e *educação*, ou corpo e *cidadania*. Até por isso, optamos por tomar esse caminho. Com Sennet, colocamo-nos o desafio de perceber, a partir do entendimento da *experiência corporal do povo* (1997:15), como as marcas da história se inscrevem nas próprias posturas corporais dos membros da comunidade. Com Bhabha, começamos a nos colocar na perspectiva de buscar entender o *inter*, não como o lugar *exótico da diversidade, mas na inscrição e articulação do hibridismo da cultura*, nos colocando nesse *entre-lugar*, sobre o *fio cortante da tradução e da negociação* (1998, p. 69).

A comunidade à qual nos referimos é a comunidade Nova Esperança, situada em Florianópolis, na região do Bairro Monte Cristo, no Continente. Essa comunidade se originou de uma ocupação organizada a partir da participação no Movimento Sem Teto. Enquanto movimento, e nos primeiros momentos da ocupação, a comunidade parecia amalgamar e igualar seus participantes. Eram os mesmos objetivos que se destacavam: ter um teto, adquirir a dignidade de cidadão, conquistando o seu espaço na cidade. Para quem observava de fora, a própria participação no mutirão e a mudança para as casas já se refletia em seus corpos, percebendo-se e expressando-se não mais como *pedintes*, sentindo-se como que *miraculosamente*, pela posse do teto, transformados em *cidadãos*. Com o passar dos anos, porém, as *diferenças* foram aparecendo, manifestando-se não raro como cisões, como fraturas. As descontinuidades da história de cada um - e da comunidade - foram se tornando explícitas, gritantes. Ao mesmo tempo, foram se dando conta de que ter um teto era muito, mas não garantia sua participação *cidadã* em todos os espaços da cidade, menos ainda nas *decisões* de seu *destino*.

Foi assim que encontramos a comunidade quando iniciamos a pesquisa que originou este ensaio. Percorremos, muitas vezes juntas, muitas vezes cada uma por si, mergulhada ou afogada em suas próprias questões e suas próprias tarefas,

as trilhas deste labirinto. Buscamos transpor fronteiras disciplinares, falar do corpo não para tratar de saúde, beleza, sexualidade, moda, educação física, mas para tratar de educação e cidadania. Escancaramos para nós mesmas e para quant@s<sup>[2]</sup> tiverem acesso a este texto que todo projeto de pesquisa coloca, explícita ou implicitamente, uma questão inicial: a concepção de conhecimento - e de realidade - a perspectiva de análise na qual se coloca cada pesquisador@. Descobrimos que em educação - como nas ciências humanas e sociais, em geral, essa questão é particularmente crucial: que papel se atribui à pesquisa e @ pesquisador@? O conhecimento é algo *dado*, que a pesquisa tem a função de *descobrir*? Ou é uma *relação*, continuamente reelaborada: reelaboração para a qual a pesquisa contribui, *desmontando* as relações de saber-poder já postas, as *políticas de verdade* vigentes?

## 2. AS TRILHAS DO LABIRINTO

Sempre que se produz um novo conhecimento também se inventa um novo e peculiar caminho. Quando olhamos para trás é que nos damos conta disso.<sup>[3]</sup>

Retomo mais uma vez o caminho percorrido. As questões da *integralidade* da educação - e da formação de educador@s - são preocupação constante e tema de pesquisa dos últimos dez anos. Assim também o trabalho com *movimentos sociais e comunidades de periferia* - que já vem de mais longe. Quando me deparei com casos de estagiári@s de licenciaturas e alun@s da Pedagogia que *tinham medo* de ir para escolas de periferia (e - o que é pior: em algumas situações, também @s professor@s!) percebi o quanto essas questões *têm a ver* e têm a contribuir com a formulação de *referenciais* e elaboração de *subsídios* para *munir* educador@s - docentes e não docentes - que vão atuar na educação pública.

Tenho claro que trazer a público essas questões - e a reflexão sobre elas - não *garante* qualquer melhoria nos processos de formação de educador@s, já que hoje acredito, como Costa, que *“não há qualquer garantia no conhecimento; ele é sempre mais uma possibilidade e, sobretudo, uma aventura”* (1995, p.109). Mas, justamente porque é *possibilidade*, vale a pena tentar. Ao lado dessa *certeza* coexiste uma outra, nascida, também, da reflexão da experiência: trazer para a formação de educador@s os conhecimentos produzidos a partir da relação de respeito e troca com as comunidades de periferia e, mais ainda, oportunizar @s futur@s educador@s a vivência dessas relações, pode *mudar* qualitativamente seu processo de formação, possibilitando a incorporação de mecanismos de *tradução e negociação* (Bhabha, 1998, p. 69).

O contato intencional e respeitoso com o *outro* - percebido como diferente, mas nem por isso valorado como *inferior ou superior* - que é próprio da abordagem intercultural, o reconhecimento do *hibridismo*, do *entre-lugar* onde nos movemos e a partir do qual falamos, possibilita relações recíprocas de aprendizado, ampliando os horizontes, ou as teias de significados, tanto do saber popular, quanto da academia.

Quanto à questão da pesquisa, hoje entendo, como Corazza, que “o problema de pesquisa não é descoberto, mas engendrado. Ele nasce(...)do desassossego em face das verdades tramadas, e onde nos tramaram” (1996, p.119). Praticando, principalmente a partir de minha dissertação de mestrado, uma pesquisa que definia como transdisciplinar, deixei que Rodrigues questionasse essa nomenclatura ao afirmar que a “indisciplinaridade” - e não a inter, pluri, multi, ou mesmo transdisciplinaridade - deve ser “o ensinamento maior que se deve usufruir de diálogos(...)e mesmo de enfrentamentos entre disciplinas diversas: irreverência contra a propriedade privada de campos teóricos e empíricos; insolência contra a canonização de métodos” (1999, p.12).

Por isso nenhuma metodologia pode ser estabelecida *a priori*. É sempre um caminho que vai sendo aberto à medida que vai sendo trilhado (Antonio Machado)<sup>[4]</sup>. Essa idéia já estava presente quando da elaboração deste projeto de pesquisa. Mas naquele momento ainda era muito forte a convicção de que tod@s - pesquisador@s e comunidade - estariam envolvid@s em todas as decisões e em todos os momentos do processo: isso *garantiria* a experiência de cidadania!

Hoje sei, também, que “*uma relação dialógica não é, necessariamente, uma relação de igualdade, nem garantia de participação democrática*” (Costa, 1995, p. 133). A participação no movimento, ou em projetos de educação popular não traz *necessariamente* como consequência a *tomada de consciência* ou a *emancipação*. Se assim fosse não teríamos histórias tão frontalmente contraditórias como, por exemplo, a do Cláudio e a da Leda<sup>[5]</sup>. O que está sendo analisado sugere, no próprio percurso, um método de trabalho. Esse conceito foucaultiano está profundamente presente na idéia *da descrição densa* de Geertz (1989, p.15ss): os fatos *falam*, a seqüência dos acontecimentos é que vai abrindo possibilidades, definindo a metodologia, orientando os rumos do trabalho de pesquisa, como de suas articulações com o ensino e a extensão<sup>[6]</sup>. Este, por sua vez, vai dando visibilidade aos sujeitos - pesquisador@s e pesquisad@s - ou melhor, possibilitando outros processos de subjetivação.

Não somos mais @s mesm@s - envolvid@s num projeto de pesquisa - como também não são mais @s mesm@s aquel@s que pesquisamos. Ao mesmo tempo, o envolvimento de tod@s - pesquisad@s e pesquisador@s - no processo, não é o mesmo: cada um participa de acordo com seus interesses, possibilidades, perspectivas. Foi à medida que entendemos e respeitamos isso que conseguimos criar nosso *novo e peculiar caminho*.

### 3. DESENROLANDO O PRIMEIRO CARRETEL...

Toda compreensão é temporal, existencial, histórica. Não se trata de um processo mental, através do qual dominamos objetos, mas de um processo ontológico<sup>[7]</sup>

A comunidade *não* é um todo homogêneo, uniforme, coerente. Ela se nos apresenta múltipla, não só pelas várias *leituras* possíveis, mas também por seu dinamismo e plasticidade. O que é hoje, pode não ser mais amanhã. E pelos mais diversos motivos. Há rupturas bruscas, violentas, que causam transformações em cadeia (efeito dominó). Há também *quebras* mais sutis, quase imperceptíveis, cujos desdobramentos só vão ser percebidos com o passar do tempo.

Quando convidamos @s morador@s para, junt@s, revermos o vídeo da inauguração, os dez anos decorridos estavam estampados em primeiro lugar nos *corpos*: das crianças, que se transformaram em jovens, dos pais e das mães, agora dez anos mais velhos. Mas dentre todos alguns *corpos* se destacavam pela *ausência*: aqueles que, tendo participado da ocupação e do mutirão, já não estão mais entre eles - pela separação do casal; porque já morreram; por terem trocado ou vendido suas casas.

Uma dessas figuras é dona Alice. Destaco-a como uma daquelas que *epifanizam* a história da comunidade, não apenas pela importância de sua *presença*, nestes dez anos, mas - talvez - principalmente, agora, por sua *ausência* - porque aquel@s que entrarem em contato com a comunidade de agora em diante talvez não tenham a oportunidade de conhecê-la.

Dona Alice é da região serrana, descendente de migrantes italianos, radicada em Florianópolis desde meados dos anos oitenta. Falante, ereta, muitos moradores da comunidade, assessorias, padres, políticos, consideravam-na quase que *porta-voz*, representante *por excelência* da Nova Esperança. Foi professora primária no interior - por indicação e nomeação de políticos - o que talhou para sempre seu perfil de *devedora* de um *favor que lhe garantiu a sobrevivência*, bem como a de sua família. Quando veio para Florianópolis, mais uma vez por benefício *político*, conseguiu ser *transferida* para o colégio Ivo Silveira, como *servente*.

À época da preparação da ocupação, morava de aluguel e estava ameaçada de despejo. Convidada por uma vizinha, começou a participar das reuniões do movimento sem teto, sendo integrada ao grupo que se preparava para a ocupação. Católica *praticante*, era bastante considerada pelos padres e por todo o pessoal da igreja. Pelas imagens mostradas pelo vídeo da inauguração, percebe-se que também era *considerada* pelas autoridades do município, pois foi ela quem recebeu, simbolicamente, em nome de toda a comunidade, a chave da casa, das mãos do secretário do continente, que representava o poder público municipal.

Foi várias vezes *coordenadora* da comunidade. Quando iniciamos esta pesquisa, a coordenadora era sua filha, Lenir, mas quem decidia o que podia ou não, o que devia ser feito ou não, era dona Alice. A comunidade estava, então, profundamente dividida entre os que a apoiavam - ou ao menos tinham *respeito* por ela - quase *medo* - a aqueles que achavam que *as coisas não podiam continuar assim, só uma pessoa mandando*.

As controvérsias em torno de sua figura chegaram ao auge durante a campanha política municipal de 2000, quando um candidato a vereador - licenciado do cargo de fiscal por causa da candidatura - com a promessa de *melhorar a casa* (sede)

*da comunidade, construindo outro pavimento*, teve a permissão de dona Alice para destelhar a casa e levar as telhas para outro local, o que fez da antiga casa comunitária primeiro um depósito de lixo, depois, um *abrigo* para encontros *noturnos* e consumo de drogas.

No início do ano de 2001, finalmente um grupo tomou coragem de se articular para compor uma nova chapa para a diretoria da associação. Uma semana antes da eleição, um acontecimento trágico e doloroso acabou acelerando e, até, *facilitando* (sic) o processo: um dos filhos da dona Alice matou o enteado, de 22 anos - Robson. A tragédia, embora poucos queiram falar sobre ela, acabou por se tornar um daqueles acontecimentos que, por um efeito dominó, muda repentinamente vários aspectos da configuração e do jogo de forças na comunidade.

#### 4. FIGURAS DA RUA DOS FUNDOS QUE EPIFANIZAM A COMUNIDADE

Até em seus aspectos mais “privados” esse corpo só é construído para ser visto<sup>[8]</sup>

Um dos aspectos que mudou na comunidade é a participação e o protagonismo assumido por algumas das figuras da *rua dos fundos*, às quais anteriormente nunca tínhamos prestado muita atenção.

A *rua dos fundos* dá para o barranco dos prédios do Promorar<sup>[9]</sup>. Numa das casas do meio da rua mora a Ana. Muito magra, nunca aparece sem estar impecavelmente arrumada, assumindo sua negritude com cabelos cuidadosamente trançados e adornados. O mesmo acontece com suas filhas, duas negras belíssimas. Participando do grupo da cerâmica, tornou-se muito próxima de nós. Foi por essa proximidade que conhecemos uma *outra* Ana. Folheávamos álbuns de fotografia - muitos, para os padrões comuns na comunidade, onde algumas pessoas nos pediram, quando fotografávamos as oficinas, para fazer uma foto das crianças, ou uma foto da família inteira, porque não tinham nenhuma. Reparámos que havia muitas fotos cortadas - ou recortadas. As filhas comentaram: “*é a mãe que se corta, ela não gosta de aparecer em foto*”.

Perguntando para Ana o porquê, primeiro ela disse que era *porque não estava bem*. Até bem pouco tempo atrás, antes de aparecer uma úlcera gástrica, ela bebia, com uma certa frequência, “*quase até cair*”. Depois, meio entre dentes, murmurou: “*não quero que ninguém fique com a minha cara!*” Diante da nossa surpresa explicou que quando ela era criança, a madrinha tirava muitas fotos dela. Depois, um dia, se desentenderam, e a madrinha levou uma foto dela para “*fazer um trabalho*” no cemitério! Então muita coisa começou a dar errado na vida dela, e ela jurou que nunca mais ia aparecer em foto. Mas, justamente pela *ausência*, sua presença fica *escancarada* nas fotos.

Na casa do lado mora a Kátia, também negra, extremamente discreta - talvez por tudo o que já sofreu de discriminação na própria comunidade por ser *mãe de santo*. Nunca conversou conosco sobre isso. Várias vezes tentamos entrevistá-la

e ela sistematicamente se esquivou. No início do ano (2002) sofreu um acidente, a partir do qual sua vida e participação nas atividades comunitárias deu uma guinada importante. Perdendo o emprego, acabou por se engajar na realização das oficinas que vêm acontecendo na comunidade, dispondo-se a ensinar tricô e crochê para um grupo de jovens da comunidade, que já está com uma produção enorme, preparando-se para participar de uma feira de artesanato, a partir da qual seu trabalho passa a ganhar visibilidade na cidade.

Na ponta, na esquina da rua que dá para a Santa Teresinha<sup>[10]</sup>, mora a Celene. Testemunha de Jeová, negra, mostrou-se simplesmente indignada quando, na oportunidade de uma viagem de intercâmbio à Itália, como monitora da Oficina do Saber da comunidade Novo Horizonte<sup>[11]</sup>, lhe pediram para falar dos *cultos afro*. Agora ela é aluna do curso de Pedagogia à Distância da UDESC<sup>[12]</sup>. Natural de São Francisco do sul, foi trazida para cá pelos pais com seis anos, pois o pai, pedreiro, achava que na capital era mais fácil conseguir trabalho. Só que, conta ela, “*estava toda vida desempregado*”. Já a mãe, “*vivia grávida*”. Ela mesma tem uma *escadinha*, e “*só não é um por ano*” porque de vez em quando toma coragem e manda embora “*o traste do marido*” - por quem, aliás, é apaixonada.

Na outra ponta, quase no *cotovelo* da rua, é a casa da Vanda. Nordestina, *sangue quente*, garante que “*não se mete na vida de ninguém*”. Mas é *encrencada* com quase todo mundo por causa das *bolas* e dos *desaforos* da meninada!

Em frente à casa da Vanda, na esquina da *pracinha*, moram a Ivana, o Vento Sul, a Marcela e o Júnior. Não fizeram parte da ocupação. Donos de um carrinho de *cachorro-quente*, trocaram de *ponto* e de casa com o morador anterior, o seu *Luis do Cachorro-Quente*. Passamos um bom tempo sem conseguir saber nada deles, sem conseguir sequer que se dignassem a conversar conosco pelo muro! Só agora - em que a Ivana é uma de nossas maiores amigas e grande apoio de todas as iniciativas da Associação - é que fiquei sabendo que *alguns moradores antigos disseram para ela “ter cuidado” com a gente, “porque só queríamos ganhar na política!”* Essa *descoberta* poderia nos assustar, ou surpreender, se todo este tempo de contato já não tivesse nos ajudado a descobrir quão complexas e ambivalentes são essas relações, que em todos os momentos queremos retomar como *interculturais*.

## 5. TENTANDO ENTENDER AS TRILHAS PERCORRIDAS

Tentativa que não usará forçosamente um traçado linear, uma progressão garantida, mas que antes seguirá os meandros, as discontinuidades de uma realidade, ao mesmo tempo bem viva e em pleno crescimento<sup>[13]</sup>

Que *sentido* pode fazer ficar lembrando e *contando* episódios isolados, fragmentos de histórias que, por falta de tempo e espaço, nem são completas, nem falam a respeito de todos os moradores da comunidade? O *sentido* principal é esse mesmo: falar de rupturas, exclusões, vidas fragmentadas, em tudo

*diferentes* e em tudo *similares* às nossas próprias. É falar de semelhanças e diferenças entre as *impressões* que se tem ao olhar a comunidade da Via Expressa e ao chegar a ela, tomando o asfalto novo que contorna o Big.

Recentemente, outr@s professor@s foram conosco até lá, dispost@s a ajudar nos encaminhamentos que a comunidade tem tomado para a reconstrução da casa comunitária. A primeira reação de um deles foi: tudo bem, mas eu não vou lá com o meu carro! Para o bem da verdade vale dizer que isso só aconteceu na primeira vez, antes de ter tido a primeira conversa com a comunidade! Aliás, uma das alunas que participou várias vezes das oficinas, como voluntária, ao comentar que *“antes tinha medo até de passar por perto daqui”*, refletiu: *“pensando bem, eles é que deviam ter medo! São eles que estão o tempo todo ameaçados, excluídos, escorraçados...”*

Esta pesquisa não se desenvolveu linearmente em “alguns dias que fomos para a comunidade”. Ela se entrelaçou e entreteceu, ao longo de dois anos, com outros projetos de ensino, pesquisa e extensão e se insere numa relação de quase dez anos com essa comunidade. Esse percurso tem sido constitutivo de todo o meu fazer profissional e acadêmico. Tenho acompanhado de perto, também, o impacto que este encontro tem provocado em quantos têm participado dos grupos de pesquisa e extensão.

Essa lembrança leva-me de volta a Foucault, quando ele trata da *genealogia*, como forma de pesquisa. *A pesquisa não funda: ela agita o que se percebia como imóvel, ela fragmenta o que se pensava unido; ela mostra a heterogeneidade do que se imaginava em conformidade consigo mesmo* (1979, p.21). Cada nova pesquisa volta a *agitar* o que até há pouco se admitia como *certo*. Nesse sentido, ela *alimenta* os processos de ensino, permitindo a emergência de novas questões e novos significados - e abrindo sempre outras perspectivas de busca, não tanto de novas *verdades*, mas das *políticas* que constituem os *enunciados* que *podem* ser admitidos como *verdadeiros* - *excluindo* os demais.

E agora?

É hora de voltar a enrolar os fios de Ariadne...[\[14\]](#)

Não haverá nunca uma porta. Estás dentro e o alcácer abarca o universo

E não tem nem anverso nem reverso, nem externo muro nem secreto centro.

Não esperes que o rigor de teu caminho que teimosamente se bifurca em outro, tenha fim. É de ferro teu destino como teu juiz.

Não aguardes a investida do touro que é um homem e cuja estranha forma plural dá horror à maranha

De interminável pedra entretecida.

Jorge Luiz Borges

Num texto que relata uma pesquisa desenvolvida, espera-se que se sintetizem as

*conclusões* a que se chegou. Que novos conhecimentos foram construídos? Que outras perspectivas possivelmente abertas? Que contribuições este trabalho trouxe para o campo disciplinar, ou para o campo teórico em que se insere?

Aí estamos diante do primeiro impasse. Pesquisamos *Corpo, Educação Intercultural e Cidadania*, numa comunidade de periferia constituída a partir do Movimento Sem Teto. Nosso grupo, orientado por uma educadora, pesquisadora de movimentos sociais, teve a participação de duas formandas (agora *formadas*) do curso de história e uma militante de movimentos populares, agora aluna do curso de bacharelado em artes plásticas (uma historiadora, agora aluna do mestrado em história, já tinha participado do grupo no primeiro ano de desenvolvimento da pesquisa, como também um formando da geografia). Esse impasse foi também o primeiro grande impulso: por não *cabermos* dentro de nenhum campo disciplinar específico, tivemos muito menos dificuldade de deixar que a própria pesquisa nos conduzisse por caminhos, como diria Rodrigues (1999, p.12), *in-disciplinares*. E aprendemos muito nesse percurso.

Nosso objeto de análise era o *corpo* - e não éramos nem queríamos abordá-lo como profissionais da área da saúde, da educação física ou da moda. Tampouco pretendíamos uma pesquisa totalmente bibliográfica ou meramente empírica. Não era uma pesquisa aplicada - embora também o fosse, já que o envolvimento e o bem-estar da comunidade eram também nossos objetivos. Nosso primeiro passo foi uma *garimpagem* de textos e obras que se referissem ao corpo - nas diversas bibliotecas a que tínhamos acesso, na internet, nas livrarias. Concomitantemente, fomos para a comunidade. Voltamos a visitar as quarenta e nove famílias, primeiro, para retomar o contato. Depois, para saber de quais das *oficinas*, pedidas por eles no período anterior, cada um gostaria de estar participando.

A partir daí nosso trabalho só foi possível porque inúmer@s colaborador@s, voluntári@s, juntaram-se a nós: o pessoal das oficinas de cerâmica, da capoeira, da cestaria, do violão; as contadoras de história; sem esquecer daquel@s que garantiram a *infra*: filmagens, fotografias, o material para as oficinas, os lanches. Gostaríamos de agradecer-lhes de todo o coração, deixando aqui registrado o quanto sua participação foi fundamental para chegarmos - nós e a comunidade - onde agora estamos.

A estas alturas, alguém que está nos lendo já pode estar objetando: *lanches, oficinas, festa, o que tem isso a ver com pesquisa?* E nós poderíamos fazer um discurso bem fundamentado e indiscutivelmente aceito sobre a indissolubilidade dos processos de ensino, pesquisa e extensão, e outras coisas do gênero. Mas preferimos outro caminho, que não nega o anterior, mas lhe reafirma outras perspectivas.

Como Corazza (1996), acreditamos *que não é por tal ou qual método que se opta, e sim por uma prática de pesquisa que nos 'toma', no sentido de ser para nós significativa* (p.124), sendo sua finalidade primeira *a criação de outros modos de existência, como a invenção de novas possibilidades de vida* (p.127).

Quando fomos à comunidade para falar-lhes de nossos interesses e objetivos,

eles também nos manifestaram seus interesses e objetivos: precisavam e queriam se reencontrar, criar novas possibilidades que reinstituíssem o prazer de estar juntos que haviam perdido na caminhada. Queriam, sim, lembrar sua história, mas queriam, principalmente, reconstituí-la, reencontrar-se como comunidade.

Assim nasceram as idéias das festas e das oficinas, que no percurso se tornaram também em reuniões para discutir o IPTU, a prestação dos terrenos e a reorganização da Associação de Moradores, além das incontáveis, muitas horas, mesmo, de conversa para lembrar e ressignificar o trajeto de *sem teto a morador, os momentos de ruptura, as centelhas de exercício da cidadania, os dramas e até as tragédias de um cotidiano sempre igual e constantemente diferenciado*.

Chegamos aonde queríamos? Diria que fomos *além*. Chegamos a perscrutar os *entre-lugares* em que as diferenças se enunciam, mas podem também ser *re-significadas*. Não apenas constatamos diversidades, como dados ou fatos consumados. *Re-criamos*, junto com a comunidade, a possibilidade de outros momentos de encontro/confronto, deixando em aberto inúmeras trilhas que ainda mal nos atrevemos a vislumbrar.

E a comunidade, chegou aonde queria? Embora não tenha havido nenhuma mudança *estrutural*, o *clima* na comunidade é outro. É como se uma *centelha* se tivesse reanimado, fazendo-os *instituir* uma nova disposição para pensar juntos em todas as questões que atravancam o seu dia-a-dia. Muitos deles continuam desempregados, a droga continua seu caminho de tentar se *estabelecer* na comunidade, os desentendimentos entre marido e mulher, mães e filhos, vizinhos, continuam. Mas o que importa é que as questões voltaram a ser colocadas e eles recomeçaram a ouvir sua própria voz. Então, o que incomodava mas não era explicitado, começou a ser *posto para fora*. E o grupo voltou a ter *propostas*. Como afirma um dos integrantes da comunidade: *cada um sofre de um lado... Aí a gente se encontra, conversa, festeja junto, conversa... e aparece força para começar tudo de novo*.

Em nós se reaviva uma convicção: estamos *dentro* do Labirinto, *irremediavelmente*. Labirinto *criado* pela complexidade de um mundo cada vez mais *globalizado* e talvez nunca tão *fragmentado*. Labirinto criado, também, por nossa insistência *teimosa* em querer pensar e fazer educação sempre *colada* ao movimento real de uma sociedade composta de pessoas, *corpos*, de carne, osso, desejos, sentimentos, razão, sentidos, utopias... Quais as conseqüências disso para a educação, particularmente para a formação de educador@s? Em primeiro lugar, a exigência de uma sensibilidade cada vez mais à flor da pele, e um senso crítico cada vez mais aguçado, que continuamente perceba e reconstrua a intrínseca conexão entre teoria e prática. Em seguida, criatividade, maleabilidade, flexibilidade, ao mesmo tempo em que *princípios, valores* que inspirem as escolhas, que não são mais de cada dia, mas sim de *cada instante*. E a percepção de que nenhuma palavra é *palavra final* (mesmo que sintamos tanta falta das *conclusões* e dos *terrenos seguros!*).

## BIBLIOGRAFIA

AZIBEIRO, N. E. **Relações de saber, poder e prazer: educação popular e formação de educador@s**. Florianópolis: CEPEC, 2002.

BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Trad. de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BORGES, J. L. **Elogio da Sombra: poemas, perfis, ensaio autobiográfico**. Rio de Janeiro: Globo, s/d.

CORAZZA, S. M. Labirintos da pesquisa, diante dos ferrolhos. *In Caminhos Investigativos*. Porto Alegre: Mediação, 1996.

COSTA, M. V. Novos olhares na pesquisa em educação. *In Caminhos Investigativos*. Porto Alegre: Mediação, 1996.

\_\_\_\_\_. Elementos para uma crítica das metodologias participativas de pesquisa. *In VEIGA-NETO, A.(org.) Crítica pós-estruturalista e educação*. Porto Alegre: Sulina, 1995.

DUBY, G. “Advertência”, tomo II, In: PROST, Antoine & VICENT, Gérard. **História da Vida Privada, 5: da Primeira Guerra a nossos dias**. Trad. Denise Bortmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. Org. e trad. de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1979.

GEERTZ, C. **A interpretação das Culturas**. RJ: LTC, 1989.

LOBATO, M. **O Minotauro**. Obras Completas. São Paulo: Brasiliense, s/d.

MACHADO, A. **Proverbios y Cantares**. Disponível na Internet: <<http://www.abelmartin.com>>, 1998.

MAFFESOLI, M. **No fundo das aparências**. Trad. Bertha Halpern Gurovitz. 2ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

MORIN, E. Complexidade e ética da solidariedade. In: **Ensaio da Complexidade**. Porto Alegre: Ed. Sulina, 1997.

PROST, A. & VICENT, G. **História da Vida Privada, 5: da Primeira Guerra a nossos dias**. Trad. Denise Bortmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

RODRIGUES, J. C. **O Corpo na História**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1999.

SENNET, R. **Carne e Pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental**. Trad. Marcos Aarão Reis. RJ: Record, 1997.

---

[1] Georges Duby, na “advertência” do tomo 2 da História da Vida Privada

[2] Adotamos esta forma de grafia seguindo sugestão de pesquisador@s integrantes do Núcleo de Estudos de Gênero - DFH/UFSC, com o intuito de chamar a atenção para nosso padrão lingüístico - sexista, já que adota sempre como *correto* o masculino plural, mesmo quando é o caso, como na educação ou em comunidades de periferia, em que a maioria é constituída de mulheres.

[3] Costa, 1996, p.13

[4] Caminante, son tus huellas / el camino, y nada más; / caminante, no hay camino, / se hace camino al andar. / Al andar se hace camino, / y al volver la vista atrás / se ve la senda que nunca / se ha de volver a pisar. /

Caminante, no hay camino, / sino estelas en la mar. Antonio Machado - Proverbios y cantares

[5] O marido da Leda, Nêne, além de beber, não conseguia conviver com a situação em casa: os filhos usavam drogas, e a Leda não conseguia lhes impor limites - ele tampouco, mas “como a responsabilidade de educar os filhos é mesmo da mulher...” Saiu de casa, e a situação ficou ainda mais difícil para a Leda. Os amigos dos filhos começaram a esconder “moamba” (drogas e objetos roubados) no teto de sua casa. Denunciada por vizinhos, ela foi presa e ficou dois anos na Cadeia Pública “por não conseguir controlar os filhos”. Depois de sair da Cadeia não conseguiu continuar na comunidade, trocando sua casa com um Pastor que morava nos arredores. Por sua vez o Cláudio, drogado durante mais de vinte anos, há três anos aceitou submeter-se a um tratamento e desde o ano passado é Presidente da Associação de Moradores e um dos principais articuladores dos projetos que têm-se desenvolvido na comunidade.

[6] Pela relação construída com a comunidade, a extensão é que acaba por se constituir no eixo articulador do ensino e da pesquisa.

[7] Costa, 1996, p. 94.

[8] Maffesoli, 1996, p.41

[9] conjunto residencial da COHAB

[10] Comunidade vizinha, mais antiga, surgida de uma ocupação espontânea no final da década de 1970, reordenada a partir da participação no Movimento Sem Teto.

[11] O projeto Oficinas do Saber trabalha com crianças e adolescentes de 7 a 14 anos, no período em que não estão na escola. Novo Horizonte é outra comunidade da região do Monte Cristo, também organizada a partir do Movimento Sem Teto.

[12] Universidade do Estado de Santa Catarina.

[13] Maffesoli, 1996, p.14.

[14] Filha do rei de Creta que se apaixonou por Teseu, herói grego desafiado a vencer o minotauro, fera que dominava o Labirinto. Todos os que haviam entrado no Labirinto, nunca haviam conseguido sair. Ariadne deu, então, a Teseu um fio, para que ele o desenrolasse pelos corredores através dos quais fosse passando, para que, enrolando-o de volta, conseguisse sair.